

Por Júlio Américo

PAIAD: UM OLHAR SOLIDÁRIO SOBRE O DEPENDENTE QUÍMICO

Diante de um quadro que coloca a dependência química como um dos problemas cruciais do Brasil, o PAIAD, por meio de suas ações, demonstra de forma contundente que é possível superar os desafios e oferecer soluções que ajudem a mudar essa realidade.

“Não consigo esquecer do meu irmão naquele leito de hospital, sendo consumido por uma cirrose hepática, já num estado terminal. Eu me sentia paralisado, impotente e assistia ao seu fim sem poder fazer mais nada. Como dói tudo isso!”. Este desabafo emocionado de um parente de toxicômano é o retrato fiel de um problema cada vez mais presente na vida dos brasileiros: a dependência química. O depoimento acima evidencia uma das formas mais cruéis de dependência: o alcoolismo. Porém, há outros modos de dependência, não menos graves, que tornam o problema ainda mais carente de soluções urgentes. As estatísticas apresentam um quadro desolador.

Um quadro desolador



No Brasil, quando se trata de dependência química, os números assustam. Segundo pesquisa da Secretaria Nacional Antidrogas, em parceria com a Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), publicada na Revista Isto É de 25 de setembro de 2007, os adolescentes já são 10% dos brasileiros que bebem muito, somando 3,5 milhões destes.

Porém, essa realidade é mais complexa e atinge também adultos e idosos, gerando consequências desastrosas para os dependentes, suas famílias e outros cidadãos destinatários de suas

ações. Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde, o álcool e outras drogas causam cerca de 20% de todas as internações hospitalares por problemas emocionais no Brasil.

Além disso, o consumo de álcool e outras drogas tem se apresentado associado às mortes violentas no país. Conforme estimativas da Associação Brasileira de Álcool e Outras Drogas (ABEAD), cerca de 75% dos acidentes fatais no Brasil estão relacionados ao consumo de bebida alcoólica. Em pesquisa realizada pela Associação Brasileira dos Departamentos de Trânsito (Abdetran) nas cidades de Salvador, Recife, Brasília e Curitiba, foram colhidas informações entre mais de 1,1 mil vítimas de

acidentes de trânsito, internadas em hospitais ou cujos corpos foram encaminhados para os Institutos Médico-Legais (IML). No total, 61% dos acidentados haviam ingerido bebida alcoólica. Em Curitiba, uma análise de 130 homicídios ocorridos entre 1990 e 1995, e julgados entre 1995 e 1998, demonstrou que 58,9% dos autores dos crimes e 53,6% das vítimas estavam sob efeito de bebidas alcoólicas na ocorrência.

Quando se trata do consumo de outras drogas, associado a mortes violentas, um estudo impressiona. Em 2000, estudantes do Laboratório de Toxicologia da Universidade de São Paulo (USP) realizaram um levantamento no qual colheram sangue e urina, aleatoriamente, de 42 corpos de vítimas de mortes violentas (acidentes de trânsito, suicídios, mortes acidentais, afogamentos, homicídios) no Instituto Médico-Legal de São Paulo e, para sua total surpresa, detectaram a presença maciça de cocaína em 45,23% de todos os cadáveres, chegando a 64% nos casos de homicídios. Esse índice era similar ao da presença de álcool, constatada em levantamentos similares, e indicava uma utilização generalizada de cocaína no Brasil.ⁱ Um outro estudo sobre o uso de drogas entre estudantes de escolas do ensino fundamental e médio, realizado em dez capitais brasileiras, revelou que 7,6% deles já usou maconha, 4,4% anfetaminas e 2% cocaína em diversas formas.ⁱⁱ



O outro lado da moeda

Em todo o Brasil, são inúmeros os esforços dirigidos a oferecer respostas concretas a essa conjuntura através de ações sistemáticas visando à prevenção, o tratamento e a conscientização da sociedade frente à dependência química.

Alcoólicos Anônimos (AA), em cinquenta anos de existência no Brasil, tem 6.000 grupos com um número estimado de 121.000 membros participativos.ⁱⁱⁱ Outros grupos e espaços de recuperação para dependentes químicos diversos também têm feito um trabalho significativo no tratamento e na prevenção da dependência química. Narcóticos Anônimos (NAR-ANON), que tem poucos anos no Brasil, é a entidade paralela que mais cresce. Hoje, se estima que tenha 600 grupos com 12.000 membros.^{iv} Também os centros de internação, uma opção imprescindível para os casos mais graves de toxicomania, tem se disseminado pelo país. A Fazenda da Esperança, uma comunidade terapêutica de recuperandos dos mais variados tipos de dependência, depois de 24 anos de existência, já conta com 21 centros masculinos e 10 femininos em vários estados brasileiros.

No entanto, para a psicóloga Lawrence Lima Espínola, “esse número de instituições públicas ou privadas que oferecem apoio e tratamento a dependentes químicos ainda é bastante reduzido, considerando o número de toxicodependentes no Brasil”.

Além de grupos e centros de tratamento para dependentes químicos, tem ganhado corpo no país o trabalho interdisciplinar, reunindo várias frentes de atuação,

com o objetivo de criar um contexto favorável para prevenir e recuperar as vítimas do uso abusivo de álcool e outras drogas. Na Paraíba, um exemplo contundente desse esforço é o trabalho realizado pelo Programa de Atendimento Integral ao Alcoolista e Outros Dependentes Químicos (PAIAD) da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

O dependente tratado como pessoa

Sob a coordenação da psicóloga Lawrencita Limeira Espínola, o Programa de Atendimento Integral ao Alcoolista e Outros Dependentes Químicos, vinculado à Superintendência de Recursos Humanos (SRH/UFPB), realiza ações de prevenção e acompanhamento de dependentes químicos, além de intervenção no sentido de promover o estudo e a mobilização em torno da questão, visando chamar a atenção da sociedade e despertar o interesse de profissionais e entidades que possam oferecer sua contribuição, apresentando soluções efetivas para o problema das toxicomanias.



Curso para multiplicadores no Porto do Capim

Atendendo anualmente a um público de cerca de 1.200 pessoas, entre servidores, alunos e professores da UFPB, além de seus familiares e a comunidade externa, o PAIAD, contando com uma equipe multidisciplinar e multiprofissional, desenvolve cinco projetos dentro dos seus objetivos: “Droga, dependência e uso indevido: uma proposta de prevenção, recuperação e formação profissional”, coordenado por Lawrencita Limeira Espínola; “A música no campo da promoção à saúde”, coordenado por Eurides de Souza Santos; “Atenção social integral ao adolescente e à família, na comunidade do Porto do Capim”, coordenado por Rossana Souto Maior; “A brinquedoteca como instrumento de inclusão social: informando e conquistando políticas públicas de prevenção às drogas”, coordenado por Adolfo Júlio Porto de Freitas; e “Qualidade de vida: prevenção e tratamento de doenças com ênfase nas questões relacionadas com o uso e abuso de substâncias químicas na comunidade universitária (UFPB) e comunidades de João Pessoa”, coordenado por Josenice Alcoforado de Mendonça.

As ações desses projetos são acompanhadas e avaliadas periodicamente como meio de garantir que atendam aos objetivos iniciais do Programa, estando a serviço da saúde integral do dependente e de seus familiares, bem como, da preparação da comunidade para sua reinserção social.

Entre as ações realizadas nos projetos, estão os atendimentos individuais (psicológico e social), Terapia Familiar, grupos de mútua ajuda (A.A. e NAR-ANON), de Terapia Comunitária, de Educação Popular e Saúde, além de outras de caráter artístico-cultural e religioso, como aulas de violão, de Biodança, Estudos Bíblicos, além de palestras e oficinas informativas.

A prevenção: o melhor remédio



Curso de Capacitação em Dependência Química

As atividades do PAIAD são desenvolvidas por uma equipe multidisciplinar, com estudantes, professores e outros profissionais das áreas de psicologia, saúde, assistência social, entre outras. Um dos objetivos principais do Programa é fortalecer e consolidar as atividades de prevenção.

Portanto, também nas comunidades e junto à sociedade, paralelamente às atividades visando a recuperação de dependentes químicos, são

realizadas palestras, oficinas, cursos, jornadas, seminários e outros eventos, com a finalidade de capacitar as pessoas que trabalham com a questão; pensar políticas públicas de prevenção, tratamento e reinserção dos toxicômanos; mobilizar a sociedade e promover a formação da consciência como meio de evitar preconceitos e preparar a sociedade para lidar, da melhor maneira possível, com essa problemática.

Esse trabalho tem chegado a algumas comunidades, a exemplo de Porto do Capim e Santa Clara, em João Pessoa, onde se desenvolvem principalmente as ações de prevenção. Buscando alcançar um público mais abrangente, o PAIAD realizou dois Cursos de Capacitação em Dependência Química, com o objetivo de treinar alunos e profissionais que trabalham com o contexto da droga no Estado da Paraíba. Em 2006, foram 52 inscritos e, em 2007, esse número saltou para 137 inscritos. Também as Jornadas em Toxicomanias atingiram um público significativo. Em 2006, contou com 80 participantes e, em 2007, para surpresa dos organizadores do evento, teve 305 participantes.

Em parceria com a Rede Viva, foi realizado o Seminário Nacional de Prevenção das Drogas em Escolas Públicas, no Hotel Caiçara, com a presença de vários professores de universidades, membros da Secretaria Nacional Antidrogas e da Associação Brasileira de Estudos sobre Álcool e Outras Drogas.

Para tornar suas ações preventivas mais efetivas e qualificar sua equipe de trabalho, o programa ministrou cursos de capacitação sobre a temática das drogas e vem realizando reuniões semanais do Grupo de Estudos e Supervisão, fundamentado na teoria psicanalítica sobre as toxicomanias.

A sociedade como aliada

A experiência do PAIAD tem demonstrado a importância das parcerias na realização de seu trabalho, tanto no que se relaciona com o diagnóstico permanente da realidade onde está inserida a dependência química, quanto no que tange à busca de soluções que respondam aos desafios da toxicomania em seus aspectos biológico, psíquico e social. Além da falta de debates mais aprofundados envolvendo governo e sociedade, ainda falta o estímulo à realização de pesquisas que certamente ajudariam a orientar o trabalho dos profissionais. Segundo a coordenadora do PAIAD, “as

pesquisas mais significativas sobre o assunto são feitas, em sua maioria, por pesquisadores das regiões sudeste e sul, ficando as outras regiões carentes de diagnósticos que ajudem a contextualizar melhor o problema, gerando soluções mais eficazes”.



Equipe do PAIAD na II Jornada de Toxicomanias

A partir dessa necessidade de parceiros, o PAIAD buscou o contato com diversos órgãos e entidades empenhadas na questão e constituiu uma rede de colaboração. Entre seus principais aliados estão a Rede Viva, com quem se articulou para a realização de cursos de capacitação, seminários, jornadas e outros eventos; o Conselho Municipal Antidrogas do Município de João Pessoa (COMAD), com quem tem reuniões mensais para discutir políticas públicas de prevenção, tratamento e reinserção social dos toxicômanos; os Conselhos Tutelares e o Ministério Público, através da Curadoria da Infância e Juventude, que encaminham adolescentes e familiares para tratamento; o Hospital Universitário, que recebe pacientes para consultas médicas e exames; além de outras entidades para quem o PAIAD encaminha pessoas para tratamento em regime de internação, a exemplo da Fazenda Esperança Viva, Fazenda do Sol, Casa de Saúde São Pedro e Cidade Viva.

As ações executadas através de parcerias têm permitido ao PAIAD atingir, com muito mais eficiência, os objetivos pretendidos ao iniciá-las.

A esperança não morre

As parcerias realizadas têm evidenciado também o crescimento e a credibilidade conseguida pelo PAIAD junto à sociedade e ao poder público, por meio de suas ações. Essa realidade estimula a equipe a atingir metas ainda mais ousadas. Uma delas é sensibilizar chefes de departamentos e coordenadores de cursos de graduação da UFPB para formalizar o PAIAD como campo de estágio curricular, nas diversas áreas relacionadas à sua atuação. Além disso, a equipe acredita que, no futuro, a UFPB poderia abrigar o primeiro Centro de Referência em estudo, pesquisa, prevenção e tratamento da dependência química em todas as suas formas, com atuação em todo o Estado da Paraíba. Um sonho? Talvez. Mas a esperança não morre.

ⁱ Correspondência de Dr. Ovandir Alves Silva, professor e diretor da Laboratório de Análises Toxicológicas, USP, para John Burns, setembro, 2000.

ⁱⁱ Galduroz, J.C.F.; Noto, A.R.; Carlini, E.A., Laboratório de Análises Toxicológicas – Universidade de São Paulo, “IV Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras”, 1997. CEBRID, São Paulo, 1997.

ⁱⁱⁱ Informação do Escritório Central de AA – São Paulo – Tel: (11)-3315-9333.

^{iv} Escritório Central de NA – São Paulo, Tel: (11)-5594-5657